

“CRECHEndo” COM QUALIDADE - CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CRECHE

Cindy Mutschen Carvalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, cindymutschen@hotmail.com
Ana Cristina Ferreira Almeida, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, calmeida@fpce.uc.pt

Resumo: Face à falta de orientações claras que definam práticas pedagógicas adequadas para instituições que acolhem crianças dos 0 aos 3 anos, impera uma grande necessidade de criar linhas de orientação funcionais que permitam aos profissionais portugueses monitorizar e aperfeiçoar as suas práticas. Nessa linha de pensamento, tendo como base o Sistema de Acompanhamento de Crianças para o pré-escolar (Portugal & Laevers, 2010), adaptou-se e desenvolveu-se um instrumento composto por um conjunto de fichas de carácter geral e particular, ou seja, algumas orientadas para a avaliação do grupo, outras para os aspetos individuais de cada criança, que assume uma proposta de avaliação processual, ao longo do ano, e que serve de ponto de partida para a observação, a reflexão e a planificação curricular. O quadro conceptual deste instrumento é, por um lado, a educação experiencial, que preconiza o enfoque na experiência interna das crianças (tendo em conta o seu bem-estar emocional e implicação) e, por outro lado, o currículo High/Scope, que fornece linhas orientadoras que enquadram o conteúdo das primeiras aprendizagens e do desenvolvimento de bebés e crianças pequenas através de experiências-chave (Post & Hohmann, 2003). A proposta de instrumento resultou de um trabalho de validação apoiado pela observação naturalista de grupos de creche, análise comparada de instrumentos e modelos já existentes, consulta de especialistas e discussão em contexto de focus group.

Introdução

O estudo que aqui apresentamos tem como objetivo principal a construção de um instrumento de avaliação das práticas educativas em creche, com base na literatura existente sobre o tema, nomeadamente o Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC; Portugal & Laevers, 2010). O problema de base pode ser resumido numa questão geral: como orientar a intervenção educativa em creche de forma a promover o desenvolvimento?

Tal como já foi discutido em diversos estudos, a “reflexão crítica, o questionamento de práticas e o trabalho de equipa não [são] suficientemente implementados” (Góis & Portugal, 2009) em contextos de educação de infância, gerando por vezes alguma acomodação que prejudica fortemente a qualidade das intervenções. Face à falta de orientações pedagógicas claras para as instituições que acolhem crianças dos 0 aos 3 anos (Barros, 2007; Carvalho,

2005; Coelho, 2004), verifica-se uma grande necessidade de criar linhas de orientação para os profissionais - os educadores-, que lhes permitam monitorizar e aperfeiçoar as suas práticas.

A faixa etária dos 0 aos 3 anos é marcada por uma grande velocidade de desenvolvimento e aprendizagem (Vasconcelos, 2011), que deve necessariamente ser acompanhada por adultos conscientes das suas ações, que compreendam a creche como um espaço de *aprendizagem* e não apenas de *cuidado* (Carvalho, 2005; Coelho, 2004). Como referem Brazelton e Greenspan (2003), “é nos primeiros anos de vida que se estabelecem as bases para o desenvolvimento intelectual, emocional e moral” (p. 12)

Para as creches (sob a alçada do Ministério da Solidariedade e Segurança Social), as orientações disponíveis, para além de escassas, focam muito pouco as questões pedagógicas importantes num contexto de creche. De acordo com Coelho (2004), a ausência de quadros de referência contribui para que o processo de intencionalidade educativa se limite à alusão a alguns aspetos do desenvolvimento.

O instrumento proposto neste estudo deve poder ser utilizado pelos educadores para monitorização da sua intervenção e planificação das intervenções futuras, estar enquadrado no contexto social e jurídico português e ser completo mas flexível, de forma a poder ser adaptado a qualquer contexto de creche. Tal como é referido por Portugal (2007), “as competências das crianças mais pequenas são dependentes do contexto, não se coadunando com os constrangimentos impostos por um teste ou uma *checklist* standardizada” (p. 30). A abordagem mais fidedigna e coerente é a monitorização contínua ao longo do ano, respeitando a individualidade da criança e considerando o seu desenvolvimento como integrado nos seus contextos naturais de vida.

Como perspetivar a qualidade em educação de infância?

A qualidade da educação e cuidados em creche é muitas vezes conceptualizada em duas dimensões: a qualidade de processo e a qualidade estrutural (Barros, 2007; Carvalho, 2005; Howes & Hamilton, 2002). A qualidade estrutural refere-se à organização do ambiente, aos espaços e aos materiais, enquanto a qualidade processual se refere, entre outros aspetos, às relações e comunicação e ao envolvimento dos educadores (Portugal, 1998), ao nível de formação especializada dos educadores e à sua satisfação profissional (Carvalho, 2005). Estas duas dimensões dizem respeito à definição de qualidade como um construto global (Coelho, 2004) e estão intimamente interligadas.

Katz (1998), por sua vez, identifica cinco perspetivas possíveis na avaliação dos programas de educação pré-escolar: a perspetiva orientada de cima para baixo (segundo a visão dos adultos responsáveis pela execução ou aprovação do projeto); a perspetiva orientada de baixo para cima (segundo a visão das crianças que nele participam); a perspetiva exterior-interna (segundo a visão das famílias por ele abrangidas); a perspetiva interior ao programa (segundo a visão dos profissionais que o põem em prática); e a perspetiva exterior (que avalia se o programa serve a comunidade e a sociedade em geral). A síntese proposta por esta autora permite-nos uma visão muito completa e abrangente do leque de formas possíveis de avaliar contextos em educação de infância, de acordo com o “nível” em que se posiciona o avaliador.

De acordo com Portugal (1998), na perspetiva do adulto (*de cima para baixo*), os estudos referem habitualmente características como o rácio adulto-criança, as qualificações e a estabilidade dos técnicos, a quantidade e qualidade do espaço por criança, a qualidade e quantidade dos materiais, as condições de segurança, saúde e higiene e as características das interações adulto-criança.

Uma outra perspectiva a ter em conta quando falamos de avaliação em contexto de creche é a perspectiva da avaliação autêntica, que tem vindo a ser defendida, ao longo das últimas décadas, por autores como Bagnato e Neisworth (1991;2004), que se opõem às formas de avaliação tradicionais. Estes autores defendem que as avaliações nestes contextos têm de ser feitas de forma autêntica e genuína, ou seja, nos ambientes naturais das crianças, por parte de adultos significativos, de forma contínua e em estreita colaboração com a família (Bagnato & Neisworth, 1991; 2004).

Práticas educativas e qualidade em creche

Os modelos e currículos existentes, a nível internacional, para o contexto de creche estão, muitas vezes associados a formas de avaliar a qualidade, quer direta, quer indiretamente. Neste trabalho escolhemos alguns modelos teóricos que serviram de inspiração à construção do instrumento de avaliação das práticas em creche. Em primeiro lugar, o Currículo High/Scope (Post & Hohmann, 2003), que se baseia na ideia de que “bebés e crianças até 3 anos aprendem com todo o seu corpo e todos os seus sentidos: aprendem porque querem, comunicam aquilo que sabem e aprendem num contexto de relações de confiança” (Post & Hohmann, 2003, pp. 22-23). Os pressupostos são operacionalizados em linhas orientadoras que enquadram o conteúdo das primeiras aprendizagens e do desenvolvimento de bebés e crianças pequenas: as *experiências-chave*. Cada experiência-chave corresponde, *grosso modo*, a uma área de desenvolvimento e aprendizagem da criança e contém um conjunto de “sub-experiências” relacionadas.

Em segundo lugar, a educação experiencial ou abordagem experiencial. Um dos maiores defensores desta abordagem é Ferre Laevers, que considera que a implicação, dependente do bem-estar emocional, é um parâmetro essencial da qualidade, que tem possibilidade de se manifestar apenas na Zona de Desenvolvimento Próximo da criança, ou

seja, quando a exigência da atividade e as capacidades da pessoa estão equilibradas (Laevers, Vandebussche, Kog & Depondt, 1997; Laevers, 1999; Santos & Portugal, 2002). A equipa de Laevers, através do Centro para a Educação Experiencial da Universidade de Leuven, deu a esta abordagem um grande impulso, criando um modelo teórico consistente, que valoriza a perspetiva da criança (Santos & Portugal, 2002; Portugal & Laevers, 2010). Em termos de avaliação da qualidade, de acordo com Laevers, esta pode ser avaliada através de três tipos de variáveis: as de tratamento (ligadas ao material, às atividades, às relações, etc.), as de impacto (ou metas, tais como a aprendizagem de certas competências, ou o alcance de um determinado nível de desenvolvimento) e as de processo (nas quais se incluem a implicação e o bem-estar) (Laevers, 2000; Laevers, 2005a; Santos & Portugal, 2002). Atendendo às ideias de Katz já apresentadas, podemos considerar que a perspetiva de Laevers adota uma visão de baixo para cima (Coelho, 2004; Katz, 1998).

Com base no trabalho desenvolvido ao longo de décadas, Laevers e a sua equipa criaram vários instrumentos de apoio às práticas pedagógicas, que inspiraram a criação do SAC (Portugal & Laevers, 2010), um instrumento de avaliação e monitorização contínuas no contexto de jardim-de infância. Destina-se a educadores e é composto por um conjunto de fichas gerais e específicas, relacionadas com o contexto, o grupo e as crianças individualmente. A avaliação dinâmica e flexível possibilitada pelo SAC dá aos educadores informações valiosas para a orientação das suas práticas educativas, baseando-se nos referenciais teóricos da educação experiencial e da perspetiva de Vygotsky (Portugal & Laevers, 2010). O bem-estar emocional e a implicação das crianças assumem-se como as variáveis centrais para a avaliação da qualidade e adequação das práticas.

Em terceiro lugar, na linha de pensamento de Laevers, Portugal (2012) publicou, numa brochura da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), um texto onde apresenta a sua perspetiva acerca das finalidades e práticas educativas em creche. Por outras

palavras, trata-se do delineamento de um possível currículo para a creche, de inspiração experiencial. Na sua perspetiva, as finalidades educativas da creche são: (1) o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima (que se relacionam com a confiança e competência para dominar o seu corpo, o seu comportamento e o mundo; (2) o desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório; e (3) o desenvolvimento de competência social e comunicacional.

Enquadramento da creche enquanto resposta social

Por ser um dos objetivos deste trabalho a criação de um instrumento adequado à realidade portuguesa, apresentamos também um ponto da situação relativamente a o enquadramento da creche enquanto resposta social.

Os Modelos de Avaliação da Qualidade das Respostas Sociais (MAQRS) desenvolvidos pelo Instituto da Segurança Social procuram responder à necessidade de adequar as respostas sociais à realidade portuguesa atual, criando um sistema de certificação da prestação de serviços na área social através da implementação de um Sistema de Gestão da Qualidade. Segundo esta entidade, a “(re)organização dos processos permite ganhos em termos da eficiência, da eficácia e da racionalização dos serviços prestados, alargando e aumentando, desta forma, a satisfação das necessidades e das expectativas de clientes, colaboradores e parceiros” (ISS, 2005b, p. 1). O MAQRS articula-se com os Manuais de Processos-Chave (MPC; ISS, 2005a) e os Questionários de Avaliação da Satisfação de Clientes, Colaboradores e Parceiros para cada uma das respostas sociais (ISS, 2005c). O modelo subjacente assenta em oito critérios, sendo o quarto (Processos do Modelo de Avaliação da Qualidade) operacionalizado no Manual de Processos-Chave (MPC). Os processos-chave são “processos que caracterizam e justificam a atividade duma organização, resultando no produto ou serviço que é recebido por um cliente externo. Estes processos

influenciam diretamente a qualidade dos produtos e serviços prestados” (ISS, 2005a, p. 58). O MPC centra-se, essencialmente, nas questões da competitividade e da implementação de sistemas de gestão da qualidade, numa perspetiva organizacional. Neste sentido, apresenta um conjunto de procedimentos e formulários que devem ser utilizados pelas instituições, para avaliar a prestação dos seus serviços nas seis áreas-chave: candidatura, admissão e acolhimento, plano individual, planeamento e acompanhamento das atividades, cuidados pessoais e nutrição e alimentação (ISS, 2005a).

Regra geral, os educadores referem o MPC como sendo um grande peso burocrático (Vasconcelos, 2011). Apesar de ser uma referência no contexto português, o MPC é muito “mecânico” e “rígido” em alguns aspetos, e, apesar de referir questões fundamentais como a importância de um ambiente acolhedor e dinamizador de aprendizagens, onde as crianças se sentem amadas e seguras (tal como refere Portugal (2011)), não incorpora estes aspetos de forma clara nos seus parâmetros de avaliação.

Estudo Empírico

Objetivos

Partindo do problema “como orientar a intervenção educativa em creche de forma a promover o desenvolvimento?”, definimos como objetivo geral deste estudo o desenvolvimento de um instrumento para o acompanhamento e a avaliação das intervenções educativas na creche. Os nossos objetivos específicos são: a. Identificar indicadores de qualidade para as práticas pedagógicas em creche; b. Analisar os comportamentos associados aos indicadores referidos; c. Elencar exemplos que ilustrem os indicadores referidos; d. Definir as áreas de desenvolvimento consideradas mais importantes em contexto de creche; e. Operacionalizar, em comportamentos observáveis, as áreas de desenvolvimento consideradas mais importantes num contexto de creche; f. Articular os parâmetros de

observação com os documentos oficiais que orientam as práticas em creche; g. Adequar a estrutura do instrumento, os parâmetros/áreas de observação e os exemplos sugeridos em função das necessidades manifestadas pelos educadores; h. Articular os dados da literatura com as necessidades identificadas pelos educadores; i. Sistematizar diferentes alternativas que garantam a aplicabilidade a diferentes contextos.

Metodologia e procedimentos

Neste estudo, escolhemos a metodologia qualitativa por ser a mais adequada aos objetivos da investigação e ao seu problema de base. Os estudos qualitativos combinam a recolha e a análise de dados, que ocorrem, muitas vezes, em paralelo, de forma que a análise vai sustentando novas recolhas e vice-versa (Bogdan & Biklen, 1994). Neste sentido, recorreremos ao método comparativo constante, ou seja, a um plano de investigação com fontes múltiplas de dados, no qual os dados recolhidos vão sendo sistematicamente postos em comparação ao longo de todo o processo (Bogdan & Biklen, 1994).

A figura 1 ilustra a sequência de procedimentos adotados nesta investigação.

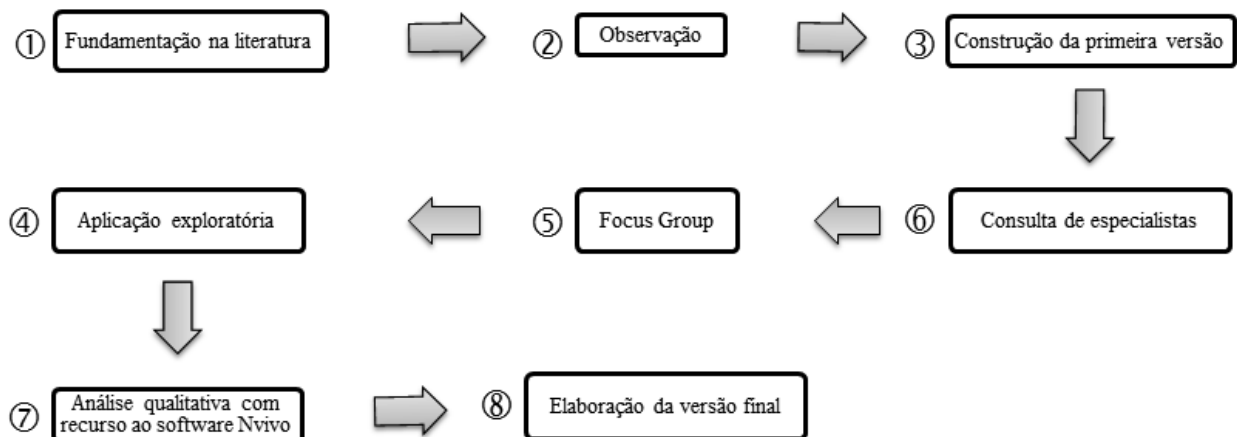


Figura 1. Etapas do processo de investigação.

Fundamentação na literatura

A avaliação deve basear-se nos objetivos e princípios do currículo em vigor, pelo que, propor um método de avaliação é, necessariamente, comprometer-se com um currículo (Cubey & Dalli, 1996). Neste sentido, depois de uma rigorosa pesquisa bibliográfica, seleccionámos um conjunto de fontes que serviram de base ao instrumento desenvolvido.

O SAC (Portugal & Laevers, 2010) foi o ponto de partida deste trabalho constituindo-se como a matéria-prima a partir da qual desenvolvemos o nosso instrumento para a creche. O esquema geral de aplicação, a ficha de caracterização geral do contexto e a estrutura geral das restantes fichas permanecem fiéis ao original. A existência de dois instrumentos com a mesma estrutura, para a creche e o pré-escolar pode ser uma grande mais-valia para os educadores que acompanham os grupos ao longo dos anos, uma vez que podem manter alguma uniformidade nos seus procedimentos de gestão e avaliação.

Os modelos High/Scope (Post & Hohmann, 2003) e *Birth to three maters* (DfES, 2003), assim como o texto de Portugal (2012), “Finalidades e práticas educativas em creche”, foram utilizados na construção do conteúdo das fichas individuais.

Os documentos do ISS (Instituto da Segurança Social; 2005a, b e c) forneceram o enquadramento que permitiu a adequação do nosso instrumento às exigências sociais e institucionais.

Observação

A observação foi utilizada como ferramenta metodológica para a recolha de exemplos de indicadores do bem-estar e implicação para crianças dos 0 aos 3 anos. Tratou-se de uma observação naturalista do comportamento livre (Estrela, 1986; Sattler, 1999; Taylor, 2000). O método de registo utilizado foi o registo narrativo (Sattler, 1999; Taylor, 2000).

As observações foram realizadas durante dois dias (8 e 9 de fevereiro de 2012), durante os quais registámos todos os comportamentos de uma criança de cada vez durante 5 a 10 minutos (o tempo de observação por criança variou consoante o tempo dedicado por esta a cada atividade ou brincadeira). A cada período de observação seguiu-se uma breve pausa de cerca de 2 minutos. As crianças observadas em cada momento (com idades entre os 9 meses e os 2 anos e meio, aproximadamente) foram seleccionadas aleatoriamente. Para além do registo de episódios, a observação incluiu a atribuição de um nível de bem-estar e implicação a cada uma das crianças.

Consulta de especialistas

Com o objetivo de tornar este instrumento mais fidedigno, consultámos uma especialista na área, responsável pela construção do SAC, a Professora Gabriela Portugal¹. De acordo com Almeida e Freire (2008), a consulta de especialistas ou profissionais no domínio contribui para a validação do instrumento, na medida em que se pronunciam sobre a adequabilidade do seu conteúdo, tendo em conta os objetivos do projeto. Neste sentido, a consulta desta especialista no domínio permitiu-nos refletir acerca de um conjunto de questões que, posteriormente levaram a algumas reformulações do instrumento.

Aplicação (exploratória) do instrumento

O contacto diário com três educadoras de creche no âmbito do estágio curricular permitiu-nos também pedir-lhe que preenchessem o instrumento, ainda que numa fase já bastante avançada. As educadoras receberam o instrumento a 3 de Abril de 2012 e devolveram-no preenchido na segunda semana do mês de Maio. Após o preenchimento,

¹ Docente no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. Doutorada em Psicologia da educação, tem participado, desde o início dos anos 90 em projetos europeus na linha da abordagem experiencial. Entre 2007 e 2010 foi responsável do projeto Avaliação em Educação Pré-escolar – Sistema de Acompanhamento de Crianças – FCT (FCOMP-01-0124-FEDER-007103)

reunimos com cada uma delas para receber o seu feedback relativamente à aplicação. Nestas reuniões recolhemos notas de campo acerca das suas opiniões, dificuldades e sugestões, que foram depois incluídas na análise qualitativa dos dados. As notas de campo são um suplemento muito importante dos métodos de recolha de dados, ajudando a organizar as ideias e o fio de raciocínio do investigador ao longo do processo (Coelho, 2004).

Focus Group

Apesar de termos usado várias metodologias, o cerne da nossa investigação está no focus group realizado, onde discutimos com um grupo de educadoras a primeira versão do instrumento construído. Sendo nosso um dos nossos objetivos ter um instrumento flexível, adaptável a diferentes contextos e consonante com as práticas reais do quotidiano, considerámos que a discussão com educadores de creche seria a melhor forma de testar os nossos pressupostos.

Decidimos, com base nos objetivos do projeto e nas recomendações da literatura, realizar um focus group, com 11 educadoras de creche. Optámos por elaborar previamente um guião que foi seguido, de forma muito flexível, após uma breve apresentação inicial dos participantes, para “quebrar o gelo” (Wilkinson & Birmingham, 2003). Este guião continha as questões gerais a serem exploradas, decorrentes dos objetivos do estudo. Antes do focus group, os participantes tiveram acesso a uma cópia do instrumento construído (primeira versão), para poderem preparar-se para a discussão. A sessão foi gravada em registo áudio (com a autorização de todos os participantes), tendo permitido a transcrição completa da discussão, ampliando a quantidade de dados disponíveis para a análise. Além deste registo, foram também tiradas notas dos aspetos mais relevantes da discussão.

As educadoras que participaram no focus group foram escolhidas por questões de acessibilidade, tratando-se, portanto, de uma amostra de conveniência. No geral, eram

educadoras jovens (com uma média de idades de 32 anos) pertencentes a duas IPSS e uma instituição privada. Procurámos incluir tanto educadoras que não conhecessem o SAC como educadoras que já tivessem contactado com este instrumento, para estimular a partilha de experiências diversificadas.

Os dados recolhidos no focus group, bem como as notas de campo da consulta de especialistas e das reuniões com as educadoras que aplicaram o instrumento foram analisados com recurso ao *software* Nvivo 9 (versão 9.2.81.0). A transcrição do focus group e as notas de campo foram analisadas, numa primeira fase, linha a linha, para identificar temas emergentes, num sistema de identificação e categorização dos dados denominado por Strauss e Corbin (1998) de *codificação aberta*. As codificações foram comparadas e compiladas em categorias gerais. Verificámos que as categorias encontradas estavam fortemente ligadas aos temas previamente delineados por nós no guião do focus group e, por isso, utilizámos uma terminologia muito semelhante.

Resultados e discussão

O instrumento construído com base no processo de investigação descrito é composto por 7 fichas: uma de caracterização do contexto, três referentes ao grupo e três individuais. O esquema geral de aplicação deste instrumento é flexível, podendo variar de acordo com o funcionamento e a lógica interna de cada instituição. No entanto, tratando-se de um instrumento de avaliação processual, recomenda-se a utilização várias vezes ao longo do ano, por exemplo, num esquema com três momentos de avaliação, cada um com três fases e, ainda, uma fase final. Em cada um dos momentos de avaliação, as fichas gerais devem ser utilizadas, num ciclo de avaliação-reflexão-ação. As fichas individuais devem ser utilizadas quando a partir avaliação ficha geral se identificam crianças com níveis baixos de implicação e bem-estar. No entanto, se muitas crianças estiverem nesta situação, antes de pensar em estratégias

individualizadas, o educador deve delinear estratégias para o grupo, refletindo acerca de parâmetros como a oferta da sala/creche, o clima de grupo, o espaço para a iniciativa, a organização e o estilo do adulto.

As fichas gerais apresentam-se como uma forma de avaliar a qualidade em creche (através da implicação e do bem-estar), recorrendo a tabelas onde estão descritos os comportamentos associados a estes indicadores, bem como exemplos ilustrativos dos diferentes níveis. O sistema de avaliação é completo, mas flexível, procurando ajustar-se a diferentes contextos e faixas etárias. As fichas individuais fornecem uma proposta de classificação das áreas desenvolvimentais mais importantes em contexto de creche, operacionalizadas num conjunto de questões que permitem ao educador avaliar o nível da criança em cada uma das áreas, bem como fazer uma reflexão escrita sobre o seu desenvolvimento atual. Tanto as fichas gerais como as individuais preveem uma fase de balanço/reflexão sobre a avaliação, bem como uma etapa de definição de objetivos a alcançar através de um conjunto de ações. Procurámos, tanto quanto possível, articular o nosso instrumento com os documentos do ISS, no sentido de facilitar o trabalho dos educadores e de não criar sobreposições. Cremos que o nosso instrumento se constitui como uma boa alternativa a uma grande parte do Manual de Processos-Chave, principalmente no que diz respeito aos processos 3 (PC03-Plano Individual) e 3 (PC04-Planeamento e Acompanhamento das Atividades).

Da análise qualitativa dos dados emergiu um conjunto de categorias relacionadas com o instrumento construído. De um modo geral, a avaliação feita pelas educadoras no focus group e nas aplicações exploratórias revelou-se bastante positiva. Um dos temas recorrentes durante a discussão foi a necessidade de simplificar o processo de avaliação, pela falta de tempo sentida por estas profissionais. Como refere Vasconcelos (2011), o MPC é considerado

um documento muito pesado, que consome muito tempo, pelo que o surgimento de alternativas práticas, úteis e com sentido foi considerado como muito importante.

No debate surgiram também algumas sugestões (e.g. introdução de mais exemplos nos níveis médios/neutros de implicação e bem-estar), que foram, na sua maioria, incorporadas na versão final do instrumento.

Consideramos que este instrumento pode ser uma mais-valia para os educadores em creche, porque lhes oferece um meio de organizar a avaliação das suas práticas de forma fidedigna e fundamentada, articulando-se com o SAC para o pré-escolar e com o MPC.

Referências

- Almeida, L. S. & Freire, T. M. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Bagnato, S. & Neisworth, J. (1991). *Assessment for Early Intervention - Best practices for professionals*. New York: The Guilford Press.
- Neisworth, JT & Bagnato, SJ (2004). The mismeasure of young children: The authentic assessment alternative. *Infants and Young Children, 17*(3), 198-212.
- Barros, S. A. (2007). *Qualidade em Contexto de Creche: Ideias e Práticas*. Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Doutora em Psicologia. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria dos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brazelton, T. & Greenspan, S. (2002) *A criança e o seu mundo. Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carvalho, C. (2005). *Efeitos de Estimulação Multi-Sensorial no Desempenho de Crianças de Creche*. Tese submetida à Universidade do Minho para obtenção do grau de Doutor em Estudos da Criança, Área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação. Minho: Universidade do Minho.
- Coelho, A. M. S. (2004). *Educação e Cuidados em Creche – Conceptualizações de um grupo de educadoras*. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação.
- Cubey, P., & Dalli, C. (1996). *Quality evaluation of early childhood education programmes: A literature review* (Occasional Paper No. 1). Wellington: Institute for Early Childhood Studies, Victoria University of Wellington.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática da Observação de Classes – uma estratégia de formação de professores* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Góis, S. e Portugal, G. (2009). Isto é giro, para nos vermos ao espelho e pensarmos...Um processo de avaliação da qualidade num jardim-de-infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias – Estudos de Casos* (pp. 251-270). Lisboa: DGIDC/Ministério da Educação.

- Howes, C. & Hamilton, C. (2002). Modelos de atendimento para as crianças mais novas. In B. Spodek (org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 725-760). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ISS (2005a). *Manual de Processo-chave: creche*. Lisboa: ISS/MTSS.
- ISS (2005b). *Modelo de Avaliação da Qualidade: creche*. Lisboa: ISS/MTSS.
- ISS (2005c). *Questionários de avaliação da satisfação - clientes, colaboradores e parceiros - Creche*. Lisboa: ISS/MTSS.
- Katz, L. (1998). Cinco perspectivas sobre a qualidade. In Ministério da. Educação (Ed.), *Qualidade e projecto na educação pré-escolar* (pp. 15-40). Lisboa: ME/DGIDC.
- Laevers, F. (1999). *The project Experiential Education. Well-being and involvement make the difference*. Early Education, nr. 27, Discussion paper.
- Laevers, F. (2000). Forward to basics! Deep-level-learning and the experiential approach. *Early Years*, 20(2), 20-28.
- Laevers, F. (2005a). The Curriculum as Means to Raise the Quality of Early Childhood Education –Implications for Policy. *European Early Childhood Education Research Journal*, 13 (1), 17-29.
- Laevers, F., Vandenbussche, E., Kog, M. & Depondt, L. (1997). *A process-oriented child monitoring system for young children*. Experiential Education Series, nr. 2. Leuven: Centre for Experiential Education.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação pré-escolar – Sistema de Acompanhamento de Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches- uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2007). Avaliação e desenvolvimento do currículo em educação pré-escolar (p.425-434). In Paula Pequito e Ana Pinheiro (orgs.) *Quem aprende mais? Reflexões sobre educação de infância*, CIANEI - 2º Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Gailivro – Porto
- Portugal, G. (2011). No âmago da Educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. In T. Vasconcelos, *Conselho Nacional de Educação - Recomendação n.º 3/2011 – A educação dos 0 aos 3 anos*. Diário da República, 2.ª série — N.º 79 — 21 de Abril de 2011.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas educativas em creche - das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, P. & Portugal, G. (2002). Avaliação processual da qualidade em educação: um contributo experiencial para uma escola inclusiva. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A. (orgs.). *Avaliação de organizações educativas: actas / II Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sattler, J. M.(1999). *Assessment of children* (revised and updated 3rd ed.). San Diego: Author.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks : Sage Publications.
- Taylor, R. L. (2000). *Assessment of exceptional students: Educational and Psychological procedures* (5th ed.). Boston; Allyn & Bacon.
- Vasconcelos, T. (2011). *Conselho Nacional de Educação - recomendação n.º 3/2011 – A educação dos 0 aos 3 anos*. Diário da República, 2.ª série — N.º 79 — 21 de Abril de 2011.
- Wilkinson, D. & Birmingham, P. (2003). *Using reserch instruments: a guide for researchers*. London: Routledge Falmer.